

## A ROUPA DOS MEUS ANCESTRAIS: ANCESTRALIDADE NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DE MODA<sup>1</sup>

*My ancestors' clothes: Ancestrality in the learning of fashion students*

Guerra, Suzana Curi; Mestra; Instituto Federal de Brasília, [suzana.guerra@ifb.edu.br](mailto:suzana.guerra@ifb.edu.br)<sup>2</sup>

Moura, Solange M.S.; Mestre; Instituto Federal da Bahia, [solangemoura@ifba.edu.br](mailto:solangemoura@ifba.edu.br)<sup>3</sup>

**Resumo:** Partindo da reflexão de que a moda reflete uma epistemologia colonial, iniciou-se pesquisa-ação com a vivência do projeto 'A roupa dos meus ancestrais' no curso de Design de Moda. A pesquisa apoia-se nos conceitos de epistemologia da ancestralidade e insere-se em Arte-Educação pela educação do sentir e pela experiência estética proporcionada. As discussões foram feitas a partir da escuta do projeto e apontam para o sentido de práxis inerente a ancestralidade e a Arte-Educação como potência pedagógica na formação do estudante de modas.

**Palavras-chave:** Moda; Ancestralidade; Arte-educação.

**Abstract:** Starting from the reflection that fashion reflects a colonial epistemology, action-research began with the experience of the project 'My ancestors' clothes' in the Fashion Design course. The research is based on the concepts of epistemology of ancestry and is part of Art-Education through the education of feeling and the aesthetic experience provided. The discussions were carried out based on listening to the project and point to the sense of praxis inherent to ancestry and Art-Education as a pedagogical power in the learning of fashion students.

**Keywords:** Fashion; Ancestry; Art education.

### Introdução

Vestir-se faz parte da vida humana e a moda é um fenômeno contemporâneo que permite criar identidades a partir da variedade de estilos, formas, cores, texturas, fibras e outras características existentes nas roupas e acessórios. Quando falamos de afirmações de identidades, precisamos refletir que uma série de circunstâncias históricas criaram no Brasil a realidade de que muitos brasileiros não têm acesso a sua história. Muitas povos e identidades foram silenciados e apagados e não deixaram vestígios da biografia de muitos brasileiros. O contexto histórico de escravidão, o apagamento sistemático e institucionalizado de culturas me levaram a observar que a desconexão do estudante com a sua própria história e ancestralidade abre caminho para a incorporação de modelos e expressões estéticas homogêneas. Tal desconexão me inquietou e decidi experimentar nas aulas da

<sup>1</sup> Artigo desenvolvido sob orientação da professora Solange Moura como trabalho de conclusão de curso da especialização em Arte Educação, Cultura Brasileira e Linguagens Artísticas Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia – UFBA, no ano de 2022.

<sup>2</sup> Docente do Instituto Federal de Brasília - IFB, campus Taguatinga. Mestre em Educação pela Universidade de Brasília - UnB (2016) e Especialista em Arte Educação, Cultura Brasileira e Linguagens Artísticas Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2022). Graduada em Desenho Industrial - habilitação Programação Visual (2003).

<sup>3</sup> Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Campus Salvador. Mestre em Educação da Faced -UFBA e Especialista em Educação Bennett-RJ. Graduada em Licenciatura em Desenho e Plástica pela EBA-UFBA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa de Educação, Cultura e Processos Sociais (GPEC-IFBA), com atuação nas áreas de arte educação, formação docente, cultura e tecnologia.

componente de Linguagem Visual do curso superior de Tecnologia em Design de Moda do Instituto Federal de Brasília (IFB) uma proposta que aliou os pressupostos da arte educação e a ancestralidade como caminho formativo, provocando nos estudantes uma reflexão sobre suas identidades, a partir da investigação sobre sua própria história e sobre seu papel como designers de moda. Esta pesquisa foi desenvolvida como trabalho de conclusão de curso da especialização em Arte Educação, Cultura Brasileira e Linguagens Artísticas Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia – UFBA, no ano de 2022.

A investigação que resulta neste artigo partiu da seguinte questão: **como conceitos de ancestralidade podem ser potencializados pedagogicamente na formação de estudantes de Design de Moda?** Buscamos refletir sobre a potência pedagógica de conceitos de ancestralidade na formação de estudantes, em uma proposta construída no componente curricular Linguagem Visual. Para essa reflexão articulamos os conceitos de moda, ancestralidade e arte educação; conduzimos uma pesquisa-ação no campo da Arte-Educação com os estudantes, tendo a ancestralidade como ponto de partida de todos os trabalhos desenvolvidos; e, fizemos uma escuta final junto aos participantes, considerando os projetos desenvolvidos por eles.

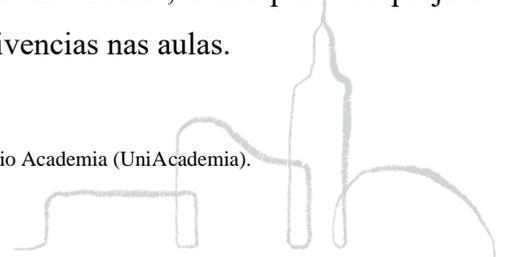
O caminho metodológico foi a pesquisa-ação, construída a partir da vivência coletiva do projeto pedagógico ‘A roupa dos meus ancestrais’ com a turma de Linguagem Visual, desenvolvido durante o semestre de 2022.1. A escolha metodológica se justifica por envolver um processo de ensino e de aprendizagem sobre o Design Moda que solicita um caminho crítico, emancipatório e coparticipativo. De acordo com Maria Amélia Franco (2005), a pesquisa-ação crítica considera a voz do sujeito, sua perspectiva. Nesse caso, a metodologia não se faz por meio das etapas de um método, mas se organiza pelas situações relevantes que emergem do processo.

Na discussão teórica, articulamos os conceitos de ancestralidade, moda e arte educação dialogando com Eduardo Oliveira (2009) e com Adibênia Freire Machado (2014), situando o conceito de ancestralidade nos seus aspectos formativos como um processo cultural e, ao mesmo tempo, inspirador para criação de novos mundos.

Para trazer o conceito de moda e modas dialogamos com os autores Heloisa Santos (2020) e De Oliveira et al<sup>4</sup> (2022), os quais discutem a noção de moda a partir do projeto colonial e as evidências da roupa europeia como parâmetro de civilidade brasileira. Por fim, em arte educação, uma experiência entre o sensível e o inteligível, trazemos João-Francisco Duarte Júnior (2019), e inserimos o conceito de arte educação – processo formativo que privilegia os sentidos juntamente com a razão e que conduziu a pesquisa. Apresentamos também o relato da construção e da experimentação do projeto “A roupa dos meus ancestrais”, como parte do projeto pedagógico do componente de Linguagem Visual e as reflexões sobre as vivências nas aulas.

---

<sup>4</sup> Artigo escrito pelos membros do projeto de iniciação científica Decolonialidade e Moda do Centro Universitário Academia (UniAcademia).



## 1. Ancestralidade, Moda e Arte-Educação

A articulação entre ancestralidade, moda e arte educação compreende que: a ancestralidade é a epistemologia que permite pensar e provocar os alunos a partir de suas próprias vivências, histórias, saberes e singularidades; a moda necessita ser pensada culturalmente em seu processo de decolonialidade e, no seu plural: modas; e, a arte educação é um caminho que pode ser percorrido na travessia pedagógica da construção equânime entre o saber sensível e o saber inteligível.

### 1.1 Caminhos Formativos da Ancestralidade

A ancestralidade pode ser um caminho formativo que parte de novas formas de se compreender o mundo e suas singularidades, se considerarmos a epistemologia da ancestralidade (Oliveira, 2009) e a filosofia africana, que entrelaça a ancestralidade e o encantamento (Machado, 2014). Nesse sentido, trilhar o caminho da ancestralidade permite acessar múltiplas possibilidades de compreensão fora de uma epistemologia universal, abrindo a possibilidade de criação de mundo e para diversas formas de ser, pensar, sentir e criar.

Oliveira (2009) apresenta a ancestralidade como categoria analítica e, portanto, um conceito-chave para compreender uma epistemologia que interpreta seu próprio regime de significados a partir do território que produz seus signos de cultura, e que eles podem ser mais ou menos desterritorializados de acordo com o contexto em que surgiram e multiplicaram-se, ou seja, não existe uma episteme universal, e sim, epistemes de acordo com cada cultura. O autor também destaca que uma estratégia de dominação efetiva é alienar do sujeito cultural sua possibilidade de produzir os significados sobre seus próprios signos idiossincráticos.

Quando o sujeito cultural se torna alienado de sua produção de sentidos, outros sujeitos, alheios à cultura dominada, passam a produzir significados sobre esta, mesmo sem vivenciá-la, para aproveitar-se dela semiótica e economicamente. Assim, a epistemologia, fonte da produção de significados, é fundamental para a afirmação ou negação de um povo e sua tradição, de uma cultura e de sua dignidade. A cultura da ancestralidade pode ser encontrada em qualquer lugar do planeta, e pelas diferentes lógicas que coabitam o planeta “é mister, então, percorrer os caminhos da diversidade, e tecer redes que deem conta de conectar os pontos comuns e diagramar os pontos divergentes das epistemologias criadas e recriadas pelo mundo” (OLIVEIRA, 2009, p.9).

A ancestralidade e o encantamento, como inspirações formativas na filosofia africana, são refletidos como práxis em Machado (2014). A cosmovisão africana ancora-se na ancestralidade sendo conceito e práxis e se realiza

a partir do próprio chão de cada pessoa. O autor compreende que a cultura é repleta de ancestralidade, pois o ser humano por todos os lugares que transita leva parte do seu tecido cultural, das suas teias de sentidos para refazer-se e continuar (re)existindo. O encantamento é um dos objetivos da filosofia africana e, ao mesmo tempo, o fio que tece a teia dessa filosofia. Significa o ato de criar mundos no interior de uma forma cultural, considerando as especificidades de um contexto. O conhecimento nessa perspectiva se realiza com o encantamento, com pessoas que buscam transformar a realidade em que elas vivem.

## 1.2 Moda e Modas

O conceito corrente e majoritário de moda não abarca sua diversidade, muito pelo contrário, apoia-se numa suposta superioridade de estilo eurocentrada, baseada no desejo constante pela novidade e na rápida mudança das formas culturais. Esta acepção esconde uma lógica colonial, na qual o certo, o bom, o bonito devem ter o selo de qualidade e aprovação dos centros considerados difusores da moda. Este mecanismo, perverso pela anulação e até ridicularização da diversidade de inúmeras identidades culturais minoritárias, esconde também uma perversa lógica econômica, que além de se apropriar de recursos humanos e materiais das colônias, apropria-se de expressões culturais de povos tradicionais quando lhe é conveniente. Entendemos que o conceito de moda é cruel da forma como está posto e propomos a partir de Heloisa Santos (2020) o conceito de modas, dando visibilidade às diversas formas de se relacionar com a indumentária, sendo uma alternativa à lógica predatória do conceito corrente. O conceito mais aceito de moda, segundo Santos (2020), envolve uma relação específica com o tempo e com a mudança ou com um desejo permanente de novidades.

A moda se estruturou em conceitos inseridos no projeto da colonialidade e tal projeto ignora a história e a mudança entre os povos não ocidentais e posiciona o conhecimento europeu como referencial e centro difusor do conjunto de noções que envolve o campo da moda. Compreender a moda como um dos tentáculos do projeto colonial é assumir que da forma que está posta, ela reforça os (pré)conceitos de “atraso” e subalternidade de outros povos. Seguindo esta lógica colonial, o senso comum não considera a existência de moda em alguns contextos, especialmente se considerarmos, a partir de uma perspectiva de senso comum, que a mudança constante e rápida é uma característica própria do Ocidente.

A partir destas constatações, é mister que a moda seja revista e compreendida a partir de um movimento de decolonialidade, ao considerar formas de se relacionar com o vestuário que incorporem os modos de vestir, entendidos indumentária, como moda. No movimento de decolonialidade em que tecemos a noção de modas e corroborando com De Oliveira *et al* (2022), entendemos ser necessário que as modas brasileiras olhem para a

temática da ancestralidade e sejam cada vez mais expressões de elementos identitários das culturas afro-brasileiras e indígenas e que reivindiquem seus lugares de ativismo por meio de uma moda que conjuga o diverso. Aqui temos um entrelaçamento a ser construído em um processo de decolonialidade pelas vias da ancestralidade.

A ancestralidade imbrica ideias de memória e pertencimento e se presentifica nos espaços da cultura. A memória, ainda que não vivida em um determinado espaço temporal, pode ser reencenada no encontro com a experiência do conhecimento daquele *ethos* e construir o sentido de ser parte de algo, de pertencimento pelas identificações emergidas (MOURA,2009).

Trabalhar pedagogicamente na perspectiva de moda decolonial pressupõe o entendimento de sua pluralidade e do diverso na relação com as culturas e suas referências; em (re)posicionar o designer de moda e seu processo de criação nas suas relações de identidades e identificação cultural, bem como compreender o objeto da moda como um artefato cultural; e em reencenar memórias pelos caminhos do encantamento conduzidos pelos encontros possíveis com as ideias de ancestralidade.

### 1.3 Arte educação, uma experiência entre o sensível e o inteligível

Arte educação é também um caminho de criticidade e de criação, construída na experiência estética e na relação equânime entre saberes – sensível e inteligível. A experiência estética nos possibilita apreender o mundo de maneira total (Duarte-Jr 2019). Cabe ressaltar que a ideia de estética é situada pelo autor como *Aisthesis* – sensação e percepção. Assim, no momento da experiência suspendemos a percepção analítica e racional, para sentir-se mais plenamente o objeto; deixamos fluir a corrente de sentimentos, sem procurar transformá-la em conceitos, em palavras. No momento dessa experiência ocorre como que uma suspensão da vida cotidiana, uma quebra nas regras da realidade, porque a mente racional abre lugar para a experiência dos sentidos, o momento em que somente o sentir prevalece. Duarte-Jr (2019) traz o papel da arte e da experiência estética no conhecimento, uma vez que a Arte não procura transmitir significados conceituais, mas dar expressão ao sentir, pressupostos da experiência estética. Podemos entender que a Educação que desconsidera a experiência estética e traz respostas e padrões prontos para serem reproduzidos ecoa em todos os campos, inclusive na Moda, nosso campo de atuação. Essa mesma educação, vazia de sentidos e voltada para o consumo, está, em última instância, levando nosso planeta à destruição. Duarte-Jr (2019) observa que muitos pensadores apontam para uma necessidade de reestruturação radical desta civilização, por verem nela o caminho certo para a destruição da vida no planeta. Hipertrofiando a razão gera-se, dialeticamente, um profundo irracionalismo, na medida em que os valores e as emoções não possuem canais para serem expressos e se desenvolverem. A dança, a festa, a arte, o

ritual, são afastados de nosso cotidiano, que vai sendo preenchido apenas com o trabalho utilitário, não criativo, alienante. A forma de expressão das emoções torna-se a violência, o ódio, a ira – somente a violência pode fazer vibrar nossos nervos, enrijecidos pelo trabalho sem sentido.

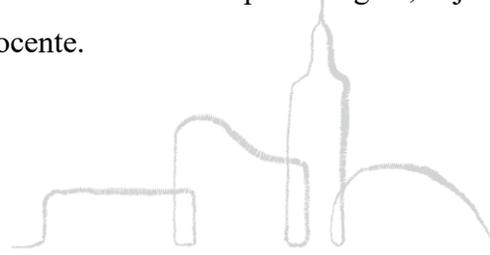
Sobre colonialidade, Duarte-Jr (2019) coloca que ela se dá através dos produtos de entretenimento e da moderna civilização industrial, penetrando em diferentes culturas com o intuito de moldar-lhes os sentimentos, com a finalidade de condicionar e formar novos mercados para os seus produtos, para a sua dominação econômica. Articulando com a moda, essa perspectiva reforça a noção de uma moda única, em contraposição com as diversas modas possíveis. O autor ressalta que a imposição de uma forma de expressão importada provoca um nivelamento cultural por baixo, que pouco tem a ver com as paixões e os desejos de cada um: é como vestir uma roupa de gala dois números além do nosso, na ilusão de estarmos bem-vestidos, não percebemos o ridículo de nossa figura.

A arte educação pode ser compreendida como um caminho na educação que integra o sentir e os sentidos com o inteligível e a racionalidade. Uma educação na qual o ser humano é compreendido em sua totalidade à medida que possibilita a experiência estética e a reflexão crítica sobre essa experiência, a imaginação em todas as áreas da vida, e em última instância, a criação de mundos que nos falou Machado (2014).

Por ser essencialmente decolonial e por privilegiar saberes diversos, a arte educação dialoga com o conceito da ancestralidade, além disso, vemos uma convergência entre o conceito de encantamento de Machado (2014) com a experiência estética. Nesse sentido, a Arte-Educação pela sua perspectiva decolonial, diversa e inclusiva também dialoga com a proposta de modas que queremos despertar com nossos estudantes.

## 2. A roupa dos meus ancestrais

Para refletir sobre a potência pedagógica de conceitos de ancestralidade na formação de estudantes em uma proposta construída no componente curricular Linguagem Visual, realizamos uma pesquisa de caráter qualitativo, através do projeto ‘A roupa dos meus ancestrais’. O caminho, então, delineado por tal objetivo foi o da pesquisa-ação pelo seu caráter colaborativo, crítico e estratégico (Franco, 2005). Ainda, de acordo com Maria Amélia Franco (2005), pesquisa e ação se tornam inseparáveis e se pretende uma transformação da prática, sobretudo quando há uma percepção da necessidade de mudanças pelas experiências do vivido. O que consideramos relevante para as ações no espaço da sala de aula, no processo de ensino e de aprendizagem, haja vista que o processo envolve a formação discente e, concomitantemente, docente.



Dialogamos com René Barbier (2004) para falar da necessária postura do pesquisador em *implicar-se* na ação, na sua não neutralidade e na escuta sensível. Uma postura relacionada com a empatia, o se colocar no lugar do outro e sem julgamentos. Foi de posse desse lugar que conduzimos o trabalho de pesquisa, o qual passamos a relatar e a analisar. Esta seção procura (1) apresentar o relato da construção e da experimentação do projeto pedagógico ‘A roupa dos meus ancestrais’, o qual alia no processo pedagógico os pressupostos da Arte-Educação, e (2) analisar os resultados do projeto pedagógico vivenciado nas aulas de Linguagem Visual.

## 2.1 Caminho da Pesquisa-Ação

A ação pedagógica ocorreu nas aulas de Linguagem Visual, componente curricular obrigatório do módulo 1 do curso de Design de Moda, no semestre 2022.1, carga horária de 72 horas-aula, e envolveu um grupo de 14 estudantes, dois homens e doze mulheres, na faixa etária 18 a 43 anos. Era uma turma diversa, com estudantes em sua maioria negros e pardos e de diversas origens sociais. Na turma havia estudantes trabalhadores/as - empreendedora, psicóloga, auxiliar administrativo, auxiliar de modelista, modelista, modelo fotográfico, costureira e outras. O projeto foi desenvolvido para provocar o estudante a buscar pela sua história e despertar suas potências individuais, a partir das heranças de sua ancestralidade. As histórias de vida e as memórias de ancestralidade, primeira etapa do projeto, ancorariam as propostas de desenhos de roupas em croquis para cada membro de sua família, desde os bisavós; e, a elaboração de uma árvore genealógica com o máximo de informação sobre os ancestrais encontrada. Encorajei-os a falar com parentes próximos e distantes, pedi que buscassem histórias felizes, pitorescas, engraçadas, de amor, e também de dores, lutas, escassez e privações. Que procurassem saber datas e locais de nascimento e morte, no que trabalhavam, quais religiões frequentavam, se gostavam de música e de festas e quais eram e seus temperamentos.

Na aula seguinte, momento de socialização da coleta sobre suas histórias, apresentei minha própria história e pedi que cada um falasse sobre o que descobriu. Relatos de ausências, exclusões, sequestros de mulheres indígenas, pessoas escravizadas fugitivas ou libertas, exploradores, estupradores, alcóoltras foram trazidos com sensibilidade e coragem. Este foi um momento de dor para muitos alunos, que perceberam que poderiam saber mais de suas histórias enquanto alguns parentes como avós ainda estavam vivos, e se ressentiram por não terem perguntado mais. Outros demonstraram com bastante clareza sua indignação com determinados contextos de sua história ou com determinadas pessoas do sistema familiar. Este primeiro contato deles com a ancestralidade foi bastante intenso e foi um momento de escuta sensível e de acolhimento, em que cada um pode falar sobre seu próprio universo familiar e ali a confiança interna do grupo começou a se firmar e alguns estudantes relataram depois que esta tinha sido a primeira vez que tinham falado de suas famílias na escola.

A partir da investigação sobre suas histórias familiares passamos para a etapa de sensibilização, em que propus uma dinâmica e solicitei aos alunos que se conectassem pelo sentir com cada um dos ancestrais. Orientei, para os casos de parentes com os quais não tiveram contato, que colocassem o dedo no peito, respirassem fundo e de olhos fechados deixassem as sensações chegarem. Após a conexão – experiência estética –, os estudantes deveriam traduzir esta sensibilidade em elementos da linguagem visual (ponto, linha, forma, textura, tom, movimento, etc.), dos princípios de composição (harmonia, contraste, equilíbrio, ritmo, etc.) e de paletas de cores – objetos de conhecimento já trabalhados em etapas anteriores do componente. Para cada membro eram definidos parâmetros visuais próprios. Também, após essa etapa, houve o momento de partilha de percepções e sensações suscitadas pelo processo de traduzir cada ancestral em características visuais.

A percepção sensível dos estudantes ampliou a compreensão e a apropriação do conteúdo trabalhado em sala. Quando uma cor ou forma era definida para uma pessoa da família, havia uma razão ancorada no seu saber sensível e na sua ancestralidade. Uma avó com uma paleta em tons de vermelho saturado apresenta uma expressão muito diferente de uma avó com uma paleta de azuis claros, por exemplo. Da mesma forma, os membros associados a formas mais obtusas apresentam expressão diversa daqueles com formas mais orgânicas. E assim o saber sensível foi conduzindo o saber inteligível e lhe dando consistência.

A etapa seguinte foi a de produção criativa, fazer um croqui de cada um dos ancestrais, considerando forma do corpo, cor de pele e cabelos de cada um (reais, no caso daqueles que eram conhecidos, ou sentidos, para o caso de antepassados desconhecidos) e os parâmetros visuais definidos anteriormente. Este foi o momento da criação, da experiência estética no conhecimento, onde não havia um objetivo de transmitir significados conceituais, mas dar expressão ao sentir. Depois do processo de experiência estética, conexão, reconexão e materialização, os alunos fizeram sua própria investigação, definiram seus parâmetros visuais, elaboraram um croqui de moda representando a si mesmos. Após este último desenho, todo o percurso foi registrado em portfólio e cada aluno teve que apresentar seu trabalho para a turma. Nesse momento narraram o percurso de investigação da própria história, como foi trabalhar os objetos do conhecimento a partir da própria ancestralidade e do sentir.

Através das etapas do projeto buscamos responder à questão da pesquisa: Como conceitos de ancestralidade podem ser potencializados pedagogicamente na formação de estudantes de Design de Moda?

A pesquisa-ação se deu nas trocas entre os alunos e suas próprias reflexões, compartilhadas, num processo coletivo de escuta sensível e respeito ao outro. Um processo que iniciou um reticente e que foi construindo e fortalecendo a confiança mútua no grupo à medida que as histórias familiares revelavam seus emaranhados de amores, tristezas, paixões, abandonos, lutas e glórias próprias de todos os sistemas familiares. A ação se deu na elaboração dessas reflexões individuais e coletivas e sua transformação em pulsão criativa materializada nos croquis de moda, num movimento de relação entre a consciência e o objeto e também entre o sensível e a razão.

Também se deu no processo de olhar para seu próprio sistema familiar e o do outro, com respeito e aceitação, reconhecendo sua força e a força do outro, e a partir disso criar uma experiência pessoal, na medida que é subjetiva, e coletiva na medida que é compartilhada.

## 2.2 Escuta do Projeto

Trazemos algumas considerações a partir da escuta do projeto<sup>5</sup>. Na questão “O que o projeto ‘A roupa dos meus ancestrais’ agregou para você além do conteúdo de Linguagem Visual?”, trouxe algumas respostas que apontaram como é provocador entrar em contato com a própria história e com as próprias raízes. A resposta de estudante 3 carrega certo pesar pela oportunidade perdida de ter perguntado a familiares com os quais teve relação e que já faleceram sobre suas histórias, ao mesmo tempo que reconhece e passa a valorizar saberes e talentos herdados, os quais nem se dava conta antes. Por outro lado, a resposta de estudante 4 mostra que a conexão com os antecessores se dá em muitos níveis e conseguiu se conectar e pensar em pessoas do seu sistema que não conheceu pessoalmente: “Consegui informações que eu não sabia sobre o passado, e me conectar e pensar nas pessoas que eu não conheci”. (estudante 4). O estudante 5 também evidencia como conseguiu dar-se conta da “bagagem da vida” e sua imersão no processo, por meio do conteúdo da linguagem visual: “A atividade em si já foi para mim uma imersão em minha própria história. foi uma experiência enriquecedora através dos sentidos visuais, os quais a gente carrega na bagagem da vida e nem se dá conta”. (estudante 5).

Nas respostas à questão “Comente sobre sua relação com sua história e ancestralidade após o projeto ‘A roupa dos meus ancestrais’, os estudantes demonstraram que se sentiram conectados com seus antepassados e que sua relação com sua história pessoal mudou de alguma forma. Destaca-se a resposta de estudante 2, que percebeu a ancestralidade como algo importante à qual não terá acesso:

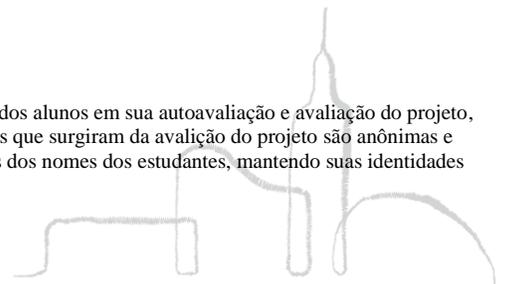
Me senti muito mais conectada com meus antecessores. (estudante 1).

O projeto me ajudou a conhecer mais sobre a minha história e meus antepassados, me sinto mais próxima de todos eles após isso. (estudante 3).

Percebi que sou uma mistura e miscigenada como grande parte do país, minha família por parte de pai todos pretos e por mãe brancos e que a minha história é de uma cultura múltipla e mineira. (estudante 4).

Despertou um novo olhar, uma nova forma de ver quem veio antes de mim e fez parte da construção e apropriação de minha própria forma de ser, de me expressar no mundo, da minha linguagem. (estudante 5).

<sup>5</sup> As falas mais relevantes para o projeto foram trazidas para este artigo. A escuta se deu por meio das reflexões dos alunos em sua autoavaliação e avaliação do projeto, via plataforma Google Sala de Aula, e de minhas percepções e reflexões sobre esta experiência coletiva. As falas que surgiram da avaliação do projeto são anônimas e estão identificadas por números. As falas provenientes da autoavaliação foram apresentadas aqui com as iniciais dos nomes dos estudantes, mantendo suas identidades preservadas nesta publicação.



Destacamos, na resposta do estudante 4, que há uma clara percepção de história e cultura múltiplas na sua ancestralidade e que podem ser exploradas na sua formação e atuação como designer de moda. Destacamos também a resposta de estudante 5 na sua percepção sobre quem veio antes e como isso reverbera na sua forma de se expressar. Essa resposta corrobora com o potencial formativo e também expressivo que a abordagem a partir da ancestralidade pode proporcionar.

Em duas autoavaliações o contato com a ancestralidade é evidenciado como algo relevante e potente pela força de suas histórias e pelo potencial criativo da atividade.

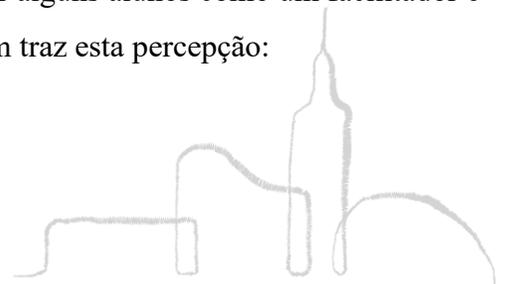
Minha experiência nessa disciplina foi surreal, pois me impulsionou a desenvolver minha criatividade. Cada experiência em cada atividade prática voltada pra ancestralidade, me fez entender como cheguei até aqui e o que me moldou ser quem eu sou através das minhas origens. [...]. (autoavaliação de D.O.)

Desde o primeiro dia de aula dessa matéria eu a achei muito legal e tentei focar o máximo da minha atenção, anotava tudo, revisava em casa, inclusive achei tão legal a matéria que sempre depois da aula no decorrer da semana, eu contava tudo aos meus pais, amigos e namorada, até os mínimos detalhes, era como se eles tivessem tendo uma demonstração de aula. Sobre a atividade que foi dada de fazer um caderno de árvore genealógica, achei super criativo, e sinto que essa experiência ajudou a trabalhar minha criatividade e pensar em elementos utilizados na composição de capa peça e a sua história por trás. [...], nunca tinha feito desenhos ou sequer pintado, então tinha zero de experiência, e fiquei surpreendida que alguns até que saíram muito bonitos, fiquei orgulhosa de mim mesma. [...]. (autoavaliação de J.M.)

Para a pergunta “Como foi para você aplicar o conteúdo da matéria a partir da sua própria ancestralidade?”, retomamos os pressupostos da arte educação, os quais no processo formativo do sentir e dos sentidos e da experiência estética e da reflexão proporcionam uma experiência educativa completa e plena – “O trabalho foi todo muito sentimental” (estudante 2). Já o estudante 3 achou muito fácil e divertido, estimulou a criatividade. Quando já foi definido tudo que se usaria para aquela pessoa, ficou mais fácil de definir o resultado final. Por outro lado, o estudante 5 narrou que de início, pareceu um pouco difícil a aplicação dos conceitos escolhidos nas etapas anteriores à execução dos croquis, mas depois de construídos, ficou mais fácil a identificação da linguagem visual de cada ancestral.

Todos os alunos que frequentaram a matéria entregaram seus portfólios com os conteúdos aplicados, em grande maioria, corretamente. Isso demonstra que o sentir como lastro da ação pedagógica não exclui a racionalidade necessária para o desenvolvimento dos processos de aprendizagem. No nosso caso, objetivamente havia um conteúdo a ser passado na matéria e aplicado no projeto, e isto foi cumprido.

A dimensão do sentir, incorporada na experiência, foi percebida por alguns alunos como um facilitador e estimulador da criatividade (estudante 3). A autoavaliação seguinte também traz esta percepção:



Acredito que consegui compreender bem a matéria e para além de apenas conceituar, aprendi também a identificar, interpretar e aplicá-los. Assim, me auto avalio com 9 pela dedicação, pelo empenho em aprender e compreender, em buscar sentido à atividade e não apenas executá-la, o que trouxe qualidade ao aprendizado no tempo presente em sala de aula. (autoavaliação de F.L.)

Na pergunta formulada “A partir do desenvolvimento do projeto ‘A roupa dos meus ancestrais’ você percebe que conseguiu compreender melhor o conteúdo da matéria? Comente.”. Pelas respostas recebidas, é possível observar que a experiência formativa quando se dá a partir da dimensão do sensível facilita a compreensão do inteligível, ou seja, o conteúdo da componente ficou mais fácil de se apreender. Pelas respostas, os objetos de conhecimentos foram reconstruídos no processo e a aprendizagem foi efetivada, com poucas dúvidas. O estudante 3 narrou que achou fundamental esse exercício pois colocou em prática tudo que aprendemos em sala de aula, foi necessário pensar, definir elementos, estimulou a pesquisa e consequentemente fixar o conteúdo na cabeça. Destacamos na resposta do estudante 3 que a articulação entre o ensino e a pesquisa e conduzidos pelas histórias e memórias ancestrais, potencializam a formação do estudante – história e memória como objeto da experiência estética do estudante. Ainda, identificamos a potência formativa de ser ampliar o olhar a partir das próprias experiências e reflexões sobre as mesmas, na resposta da estudante 4. O trânsito entre subjetividade e objetividade na ação pedagógica foram essenciais na parte inteligível do trabalho, sua objetividade, o cumprimento da ementa, no equilíbrio de que trata Barbier: “[...] Simplesmente, cabe ao pesquisador a tarefa de equilibrar as partes, de tal modo que a dimensão mais teórica e não seja comprimida pela mais afetiva, imaginativa e pessoal. [...]” (BARBIER, 2004, p.106).

A perspectiva coletiva da investigação em pesquisa-ação é evidenciada nas falas abaixo. Interessante notar que à medida que os alunos compartilhavam suas histórias, um vínculo de confiança foi se estabelecendo, ao mesmo tempo que uma postura de respeito com nossa história e a do outro:

Professora gostei bastante da disciplina e me senti bastante tímido mas sempre me coloquei a psoto de participar das aulas e de interagir com o pessoal do curso. Mas acredito que não me esforcei totalmente, 2022 foi um anoque me exigiu bastante e com a universidade não foi diferente. Mas sua disciplina foi de longe a minha preferida, algo livre e que tamém abrange muitas áreas. O seu projetofoi o de longe , o mais interessante,não sei setodos estavam tão investido como eu, consegui o nome dos meus tataravos, falei com parentes que não conhecia para conseuir informações,osite my heritage consegui encontra um filho do meu bisavo.Acredito que aprendi bastante, esse final de semestre me pesou bastante,não consegui me envovler o quanto queria, mas aos poucos o tempo realinha as coisas, estou cursando um curso maravilhoso numa instituição federal ea também consegui passar no concurso publico. Minha nta seria 8,7, pois mesmo se não nos encaixamos, ainda há cor nisso. (J.I.)

A participação é a frequência em sala de aula sempre em dia, porém, em relação aos trabalhos sempre adiando a entrega, enfim, a bronca as vezes é necessária. Antes eu pegava no lápis para os croquis e já vinha a dor de cabeça, barriga, ansiedade. Agora tive uma pequena ajuda coloquei o dedo como foi colocado no conteúdo e busquei uma sintonia com a pessoa e comigo mesmo e contei com a ajuda de um amigo que já

se formou no mesmo curso, com isso consegui desenhar todos com muitos erros, mas muitos acertos, mesmo não tendo terminado fui prestigiar os amigos e seus trabalhos, acho que foi eu que ganhei com isso, pensei que só a minha família não era perfeita, e a única com problemas é rancores. [...]. (A.S.)

Nos depoimentos anteriores se evidencia a potência que surge quando há uma aceitação em relação à própria história familiar, e, também, na cumplicidade criada com o outro, esta potência revela um conceito mais amplo de ancestralidade, ancorado nas relações de identificações. O estudante J.I., numa alusão ao conteúdo da matéria, enxerga cor naquilo que não se encaixa, o que nos leva a observar que essa frase é simbólica por sintetizar várias dimensões dessa pesquisa. Já a estudante A.S. se sentiu aliviada pois percebeu que sua família é tão complexa quanto as dos colegas: nem melhor e nem pior. Alguns alunos demonstraram desconforto com a abordagem a partir da ancestralidade. Isso ficou bem claro durante as aulas. A autoavaliação de A.O. sugere esse desconforto:

mesmo não tendo gostado inicialmente do trabalho por tocar num lado da minha vida na qual não me é confortável, eu tentei me esforçar pra entregar um trabalho que contasse a minha história e dos meus familiares mais próximos que eu tive a oportunidade de conhecer, a nota que eu me dou é 10. (A.O.)

Ao ouvir suas histórias, olhei para o que vivenciava, no meu lugar de professora e pesquisadora, e, ao mesmo tempo, reverenciei a vida do aluno que se apresentava na minha frente e respeitando-a. A postura adotada com cada aluno individualmente tem relação com a escuta sensível de Barbier (2004, p.95-96), que supõe uma inversão da atenção. Antes de situar uma pessoa no seu “lugar”, começamos por reconhecê-la em *seu* ser, na sua qualidade de pessoa complexa dotada de uma liberdade e de uma imaginação criadora.

A figura 01 a seguir apresenta páginas do portfólio da estudante B.S. A estudante trabalhou com técnicas mistas, usando lápis de cor, tinta e colagem; trabalhou com sensibilidade para conectar-se com os ancestrais, os quais não teve contato e/ou não obteve informações. Em alguns conseguiu sentir conexão, em outros, relatou que não conseguiu. A estudante organizou o caderno colocando nas páginas à esquerda as referências visuais relacionadas a cada membro do sistema familiar e as informações relevantes sobre o respectivo parente. Nas páginas à direita estão os desenhos e as paletas de cores e é possível verificar como B.S. traduziu suas pesquisas biográficas e visuais em *croquis* de moda.

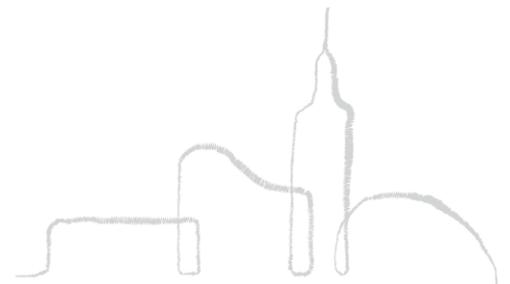
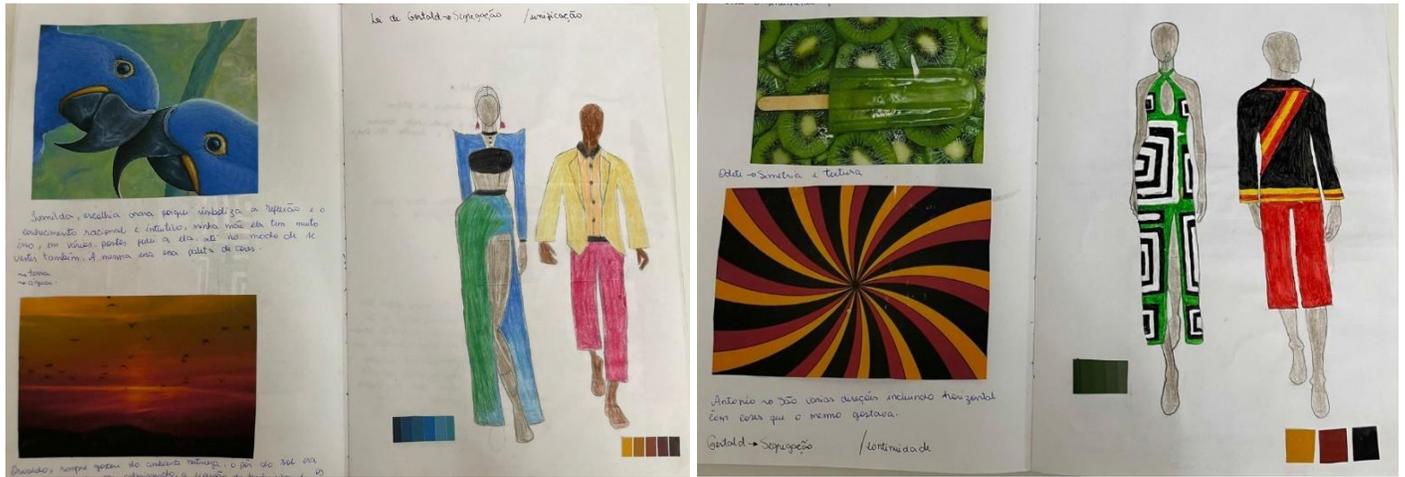
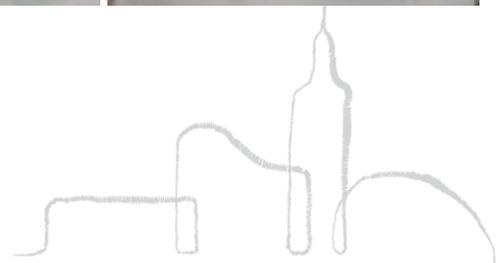


Figura 1: Portfólio da estudante B.S.



A estudante F.S. trabalhou com técnica mista com o uso de tecidos e aviamentos e materiais de desenho. Alguns croquis têm volume por conta do uso dos tecidos, e por esta razão, seu portfólio foi feito num fichário para não amassar os trabalhos. Sobre as paletas de cores, a estudante relatou que a escolha das paletas paternas foi baseada na nacionalidade, considerando “lacunas na transferência de informação sobre a trajetória de cada antepassado” e por isso adotou cores mais frias. Por outro lado, as paletas maternas são, nas palavras da estudante, “carregadas de afetividade”, com cores quentes e vibrantes.

Figura 2 –Portfólio da estudante F.L.



## Considerações finais

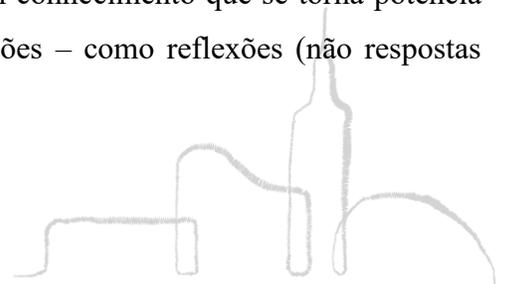
Trilhar os caminhos da ancestralidade na busca sobre sua potência pedagógica foi uma jornada longa, que começou com a reverência e a honra à história de cada sujeito na sala de aula, incluindo a minha, e levou muito além. Neste percurso, pude perceber que dentro de cada um existem sementes culturais e criativas prontas para serem germinadas para se transformarem em novas possibilidades dentro da moda.

Dar um lugar para todas as epistemes, culturas e formas de se compreender o mundo de cada estudante abriu possibilidades de se pensar a partir de lógicas diversas e de se criar também de forma diversa. A moda, como vimos, hoje se alimenta de referências e identidades culturais para distorcê-las sob a lógica econômica, alienando seus sujeitos culturais de sentido e pertencimento. Esta lógica perversa, colonial, que também opera para que exista um discurso único na moda, precisa ser repensada. A partir da ancestralidade e das epistemes de cada estudante é possível fortalecer novas possibilidades de se criar, pensar e usar a moda, inclusive como ativismo.

Esta perspectiva formativa (re)posiciona o designer de moda e seu processo de criação a partir de sua própria história, suas relações de identidades e identificação cultural, compreendendo o objeto da moda como um artefato cultural, e em reencenar memórias pelos caminhos do encantamento conduzidos pelos encontros possíveis com as ideias de ancestralidade. E (re)posiciona o estudante nos seus ensaios de design de moda, durante o componente curricular de Linguagem Visual.

A partir da experiência estética da conexão com a própria história e seu encantamento, os saberes sensível e inteligível se imbricaram para que o trabalho fosse conduzido dentro do campo da arte educação. A ação se deu por meio da pesquisa-ação, no processo de olhar para sua ancestralidade e da ancestralidade do outro, reconhecendo sua força e a força do outro, e nas reflexões a partir da sensibilidade e da razão materializadas em croquis de moda, compartilhadas e multiplicadas na coletividade.

A escuta no processo da pesquisa-ação apontou que o estudante na imersão com a própria história, recria simbolicamente vínculos com o campo da ancestralidade. Essa imersão é provocada pela experiência estética, que não considera apenas estar diante de um objeto materializado, mas também na própria investigação (pesquisa autobiográfica) de sua rede e sistema familiar. E a partilha das experiências de investigação se tornam momentos de reflexão sobre o 'objeto' de estudo. Momento de (re)construção de um conhecimento que se torna potência para que cada um proponha em seus estudos do design de modas soluções – como reflexões (não respostas universais) para os problemas apresentados em Linguagem Visual.



Há no caminhar pedagógico pela ancestralidade aliada a Arte-Educação, nas etapas vividas: um não estar alienado diante dos objetos de conhecimento; uma consciência sobre o que e o porquê de sua produção; e, há o reconhecimento do lugar de sua cultura emprenhado na proposta do artefato de ‘modas’ criado.

A reflexão sobre a escuta do campo, nos encaminha para compreendemos a potencialidade pedagógica do sentido de práxis inerente à ideia de ancestralidade e ao trabalho pedagógico com Arte-Educação. Tal sentido, possibilitou ao estudante a (re)construção de suas memórias e de seus lugares no mundo, que nutriu seu processo de criação, ainda que em croquis, de um artefato cultural – projeto de modas – nas representações e suas escolhas de linhas, cores, formas e texturas.

A partir da escuta do projeto, fica clara a potência pedagógica da ancestralidade no ensino de moda. Trabalhar a moda a partir da ancestralidade é um caminho muito rico para a criação de novas modas. Os estudantes, tomando consciência de sua história e de sua bagagem cultural, sentiram-se mais confiantes neles mesmos, na sua expressão e potência únicos, podendo se sentir mais conectados com a força de sua própria história, sendo capazes de produzir moda, modas e mundos únicos e diversos.

## Referências

- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.
- DE OLIVEIRA, Júnior Maciel *et al.* Moda e Decolonialidade: processos de transformação cultural e social a partir de uma experiência de estudo. **ANALECTA - Centro Universitário Academia**, v. 7, n. 2, 2022.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?**. Campinas, SP: Papyrus, 2019. Edição Kindle.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa** [online]. 2005, v. 31, n. 3 [Acessado 17 Agosto 2022], pp. 483-502. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300011>>.
- MACHADO, Adibênia Freire. Ancestralidade e Encantamento como Inspirações Formativas: filosofia africana e práxis de libertação. **Páginas de Filosofia**, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 51-64, 30 dez. 2014. Instituto Metodista de Ensino Superior. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15603/2175-7747/pf.v6n2p51-64>.
- MOURA, Solange Maria de Souza. **Tecendo olhares do ser negro: a dinâmica do ensino de arte na produção de espaços de pertencimento de afrodescendentes**. 2009. 221 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. A epistemologia da ancestralidade. **Revista Entrelugares – Revista de Sociopoética e abordagens afins**, ISSN 1984-1787, 2009.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de (2022). Da Ancestralidade à Opção Decolonial: o que Aprendemos com Nossa Própria História. **RevistAleph**, 1(38). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/51573>
- SANTOS, Heloísa Helena de Oliveira. **Uma análise teórico-política decolonial sobre o conceito de moda e seus usos**. *Moda Palavra*, Florianópolis, V. 13, N. 28, p. 164–190, abr./jun. 2020